

**FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE ITUVERAVA
FACULDADE DR. FRANCISCO MAEDA**

Vinicius da Silva Menani de Oliveira

**SOU ATÍPICO: INTERAÇÃO VIRTUAL REALIZADA POR ENFERMEIRO A
PROFISSIONAIS, FAMILIARES E ADOLESCENTES COM AUTISMO**

**ITUVERAVA
2024**

VINÍCIUS DA SILVA MENANI DE OLIVEIRA

**SOU ATÍPICO: INTERAÇÃO VIRTUAL REALIZADA POR ENFERMEIRO A
PROFISSIONAIS, FAMILIARES E ADOLESCENTES COM AUTISMO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade Dr. Francisco Maeda. Fundação
Educativa de Ituverava, para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem**

**Orientador (a): Profa. Dra. Gabriela Carrion
Degrande Moreira**

**ITUVERAVA
2024**

VINÍCIUS DA SILVA MENANI DE OLIVEIRA

**SOU ATÍPICO: INTERAÇÃO VIRTUAL REALIZADA POR ENFERMEIRO A
PROFISSIONAIS, FAMILIARES E ADOLESCENTES COM AUTISMO**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Faculdade Dr. Francisco Maeda. Fundação
Educativa de Ituverava, para obtenção do
título de Bacharel em Enfermagem**

Ituverava, 22 de Novembro de 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Carrion Degrande Moreira

Examinadora: Profa. Dra. Andreza Gomes da Silva Nishimoto Maeda

Examinadora: Profa. Esp. Maria Gabriela Rodrigues Gontijo

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado primeiramente a toda minha família que não desistiu de mim, me proporcionando um ensino de qualidade durante todo meu período escolar, me dando forças para seguir e me encontrar na profissão que escolhi, hoje não me vejo em outra profissão além da Enfermagem.

Dedico a mim, que desde o início de minha trajetória acadêmica não meço esforços, venho me dedicando e me empenhando a cada dia evoluir mais na minha futura carreira como Enfermeiro.

A todos os familiares e pessoas atípicas que lutam diariamente para uma inclusão melhor e que jamais desistam de seus sonhos e buscar a realização dos mesmos. Que o conteúdo desse projeto lhe traga acolhimento e conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

Em primeiro lugar a minha família, que por seu amor incondicional e apoio constante, sempre estiveram ao meu lado, seu amor e dedicação foram fundamentais e juntos conquistam comigo esse objetivo.

Ao meu namorado Felipe que conheci durante o curso e sua família que além de me acolher como membro, não deixou de nos apoiar e ajudar durante nossa trajetória acadêmica.

A minha orientadora que confiou a missão de me orientar e me auxiliar em cada etapa desse projeto, sempre disponível a compartilhar todo seu vasto conhecimento.

Aos meus amigos que fiz durante o período acadêmico que foram extremamente importantes na minha trajetória até aqui.

Por fim, agradeço a mim mesmo, por não desistir, por não desistir, por persistir e por acreditar no meu potencial, sempre buscando me encontrar durante toda minha vida e encontrei na Enfermagem acolhimento, dedicação, empatia e muito amor.

“Existem dois jeitos de viver: acomodar-se ou ousar. Quando lutamos por ideias nas quais acreditamos nasce daí um sentimento de dignidade de ser alguém que faz a diferença”

(SHINYASHIKI, 1952)

SOU ATÍPICO: INTERAÇÃO EDUCATIVA VIRTUAL REALIZADA POR ENFERMEIRO À ADOLESCENTES COM AUTISMO

OLIVEIRA, Vinicius da Silva Menani¹

MOREIRA, Gabriela Carrion Degrande ²

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conhecido por afetar o neurodesenvolvimento, como linguagem, comunicação, interação social e comportamento social. Objetivos: criar uma página de internet em rede social para interação educativa em saúde por enfermeiro aos familiares, profissionais, cuidadores e adolescentes com TEA. Trata-se de um estudo descritivo, com revisão narrativa de literatura nas bases de dados Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde, seguida de criação e implementação de página de internet em rede social. Considerações finais: Por fim, a última ideia do estudo reforça a importância do cuidado integral e do cuidado contínuo, que considere não apenas os aspectos clínicos, mas também os contextos sociais e emocionais que incluem os jovens com TEA. Uma abordagem abrangente e integrada não só melhorará as condições de saúde, mas aumentará significativamente a qualidade de vida destes jovens e dar-lhes-á a oportunidade de participar e ser produtivo no futuro.

Palavras-chave: Transtorno autístico. Assistência de enfermagem. Rede social virtual. Adolescente. Família.

I AM ATYPICAL: INTERACTION BETWEEN NURSES, FAMILIES, PROFESSIONALS AND PEOPLE WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER (ASD) IN ADOLESCENCE

SUMMARY: Autism Spectrum Disorder (ASD) is known to affect neurodevelopment, such as language, communication, social interaction, and social behavior. Objectives: To create a social network website for educational health interaction by nurses to family members, professionals, caregivers, and adolescents with ASD. This is a descriptive study, with a narrative review of literature in the Google Scholar and Virtual Health Library databases, followed by the creation and implementation of a social network website. Final considerations: Finally, the last idea of the study reinforces the importance of comprehensive care and continuous care, which considers not only clinical aspects, but also the social and emotional contexts that include young people with ASD. A comprehensive and integrated approach will not only improve health conditions, but will significantly increase the quality of life of these young people and give them the opportunity to participate and be productive in the future.

Keywords: Autistic disorder. Nursing care. Mental health. Adolescent. Family.

¹ Acadêmico do Curso de Enfermagem da FAFRAM/FEI

² Enfermeira. Doutora em Ciências. Orientadora e Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Dr. Francisco Maeda/Fundação Educacional de Ituverava – FAFRAM/FEI

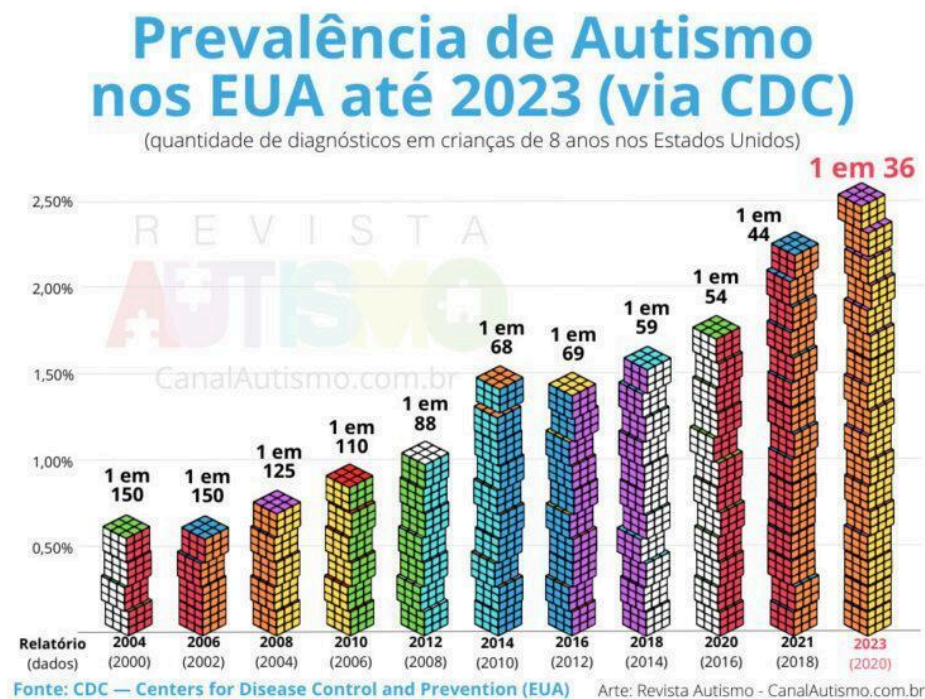
1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica complexa caracterizada por desafios na comunicação social, comportamentos repetitivos e, frequentemente, associados a dificuldades sensoriais. Com o aumento das taxas de diagnóstico e a crescente conscientização, há a necessidade de abordagem integrada e compreensiva para o cuidado de indivíduos com TEA (Oliveira & Sydor, 2022).

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 1% da população mundial pode ter o diagnóstico de TEA e a cada 160 crianças, pelo menos uma convive com o diagnóstico (ONU, 2023).

Atualmente, no estudo realizado com mais de 226 mil crianças nos Estados Unidos, uma em cada 36 crianças de 8 anos tem autismo, representando 2,8% desta população e um aumento superior a 22% referente ao estudo anterior - publicado em dezembro de 2021, que era de um em 44 (Maenner, 2023).

Enquanto que, no Brasil, estima-se que existam cerca de 2 milhões de pessoas autistas. A população total do país é de 200 milhões, o que significa que 1% da população seria afetada. Para verificar esse número e entender a prevalência do autismo no Brasil, o Instituto



Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) colocou - pela primeira vez - o autismo no radar estatístico, com o objetivo de determinar o número de pessoas que convivem com o transtorno autista e quantas pessoas podem tê-lo, mas não são diagnosticadas. Esses dados foram

incluídos após a sanção da lei 13.861/19, que obriga o IBGE a incluir questões sobre autismo no censo de 2020 (Marques, 2022).

O autismo tem sido um tema de discussão e pesquisa ao longo de muitos anos, tanto em nível nacional quanto internacional. No Brasil, a resposta dos órgãos governamentais para criar normas e diretrizes que aprimorem o atendimento a essa população foi lenta (Brasil, 2014; Brasil, 2015).

Em 2013, o Ministério da Saúde apresentou dois documentos importantes com recomendações para o manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Sistema Único de Saúde (SUS). O primeiro, chamado “Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA)” (Brasil, 2014), posiciona o autismo dentro do escopo das deficiências, visando garantir direitos.

O segundo documento, “Linha de Cuidado para a Atenção às Pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas Famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde”, reconhece o TEA como um transtorno mental e articula as ações de cuidado na rede de atenção psicossocial, com foco no tratamento em Centros de Atenção Psicossocial (Brasil, 2015).

Os enfermeiros desempenham um papel crucial na promoção de saúde e bem-estar, como o primeiro elo entre o sistema de saúde e a pessoa com TEA. Sua formação e experiência os preparam para lidar com as necessidades de saúde física e mental, adaptar práticas de cuidados personalizadas e criar ambientes seguros e acolhedores. No contexto do TEA, um planejamento cuidadoso e uma prática diária sensível são essenciais. Por isso, cabe ao enfermeiro orientar os familiares e o próprio paciente, estabelecendo uma comunicação clara e participativa (Rissato, 2022).

Outros profissionais de saúde, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e médicos, também são essenciais no cuidado multidisciplinar. Cada um, em sua especialidade, contribui para uma compreensão mais abrangente e um planejamento mais robusto de planejamento de cuidados e intervenções que favoreçam o desenvolvimento das habilidades do adolescente e sua integração nas atividades diárias (Mayumi, 2023).

Contudo o TEA se dá como diagnóstico clínico quando baseado em observações e por ser de etiologia multifatorial, abrange diversos fatores genéticos e ambientais que podem se interligar e ainda estão sendo estudados (Jullien, 2021).

Seus sinais podem ser percebidos nos primeiros meses de vida e o diagnóstico entre os dois a três anos de idade, e nesse contexto ainda implica a dificuldade de aceitação e compreensão da parte familiar, principalmente os pais, isso por falta de informações e na

maior parte das vezes quem é a primeira pessoa a identificar os sinais e sintomas é a própria mãe e a mesma que busca ajuda, em especial a equipe de enfermagem (Sweetmore, 2021).

A família, por ser a principal fonte de apoio e de segurança para muitos adolescentes, desempenha um papel fundamental no cotidiano e no tratamento contínuo de quem vive com TEA. A interação entre os familiares e os profissionais de saúde pode determinar a eficácia e a adaptação das intervenções, realçando a importância de uma colaboração transparente e informada. Essa cooperação deve estar enraizada no reconhecimento das experiências e conhecimentos únicos que os familiares trazem sobre a sua própria realidade e a realidade do adolescente. Essas situações podem se tornar ainda mais desafiadoras quando o paciente diagnosticado com TEA começa a entrar na fase de puberdade e adolescência, contudo nessa fase além da família o próprio paciente irá enfrentar desafios como habilidades sociais, sexualidade, autoestima, responsabilidade e ansiedade (Romeu & Rossit, 2022).

No contexto da saúde mental, que ganha relevância nas discussões sobre TEA, o estigma social e a compreensão limitada desse transtorno ainda representam barreiras significativas para efetivar intervenções mais inclusivas e humanizadas. Muitas vezes, desafios como a falta de recursos e de formação específica são enfrentados por profissionais que buscam promover compreensão e adaptação do ambiente para as pessoas com TEA (Nascimento & Leão, 2019).

A experiência de viver com TEA é única para cada indivíduo e, como tal, uma abordagem única e coletiva é imperativa. Ao unir forças entre enfermeiros, familiares, e outros profissionais, é possível não apenas otimizar o processo de cuidado, mas também aumentar a qualidade de vida dos adolescentes com TEA, preparando-os melhor para os desafios do presente e do futuro (Jerônimo, 2023).

A interação entre profissionais de saúde, particularmente enfermeiros, famílias e o próprio adolescente com TEA, emerge como um pivô para garantir um atendimento eficaz e holístico (Oliveira & Sydor, 2022).

Para tanto, esse trabalho tem como objetivo geral de criar uma página de internet em rede social para interação educativa em saúde aos familiares, profissionais de enfermagem, cuidadores e adolescentes com TEA e como objetivos específicos de identificar as interações e a assistência de enfermagem ao adolescente com TEA e oferecer educação em saúde aos leitores e seguidores da página como familiares e pessoa com autismo e publicar informações sobre rotina, atualidades e relatos de outros profissionais.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, seguida de criação, construção e implementação de página em rede social virtual.

Os artigos de revisão narrativa da literatura são uma forma de pesquisa que utiliza fontes de informação bibliográficas e/ou eletrônicas para obter resultados de pesquisas de outros autores, com o objetivo de justificar teoricamente um determinado objetivo, sendo publicações gerais, adequadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou “estado da arte” de um determinado tema, a partir de uma perspectiva teórica ou contextual. Esta categoria de pesquisa desempenha um papel fundamental na formação contínua, pois permitem ao leitor adquirir e atualizar os seus conhecimentos sobre um tema específico num curto espaço de tempo; no entanto, não possuem uma metodologia para replicar os dados, nem fornecem respostas quantitativas a questões específicas. São considerados artigos narrativos de revistas e são de alta qualidade (Rother, 2007).

Com a situação de pandemia devido ao COVID-19 em 2020 tornou-se necessário o ensino à distância. De modo geral, foi necessário buscar novas estratégias de interação interpessoal e educativa. Dentre essas interações, simula a leitura, o que também exige procurar ou aceitar novas formas de acesso, desde informações a interações sociais. Nessa busca por novas formas de buscar informações e promover a leitura, as redes sociais tornaram-se um importante meio de divulgação e sociabilidade. Multiplicam-se perfis pessoais e páginas institucionais ou comerciais (Oliveira & Geller, 2023). Nessa perspectiva, este estudo se propõe a criar uma página na rede social Instagram.

O desenho da pesquisa foi estruturado para garantir a exploração aprofundada das interações entre enfermeiros, familiares, outros profissionais de saúde e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Com base nas diretrizes de pesquisa qualitativa, optou-se por um delineamento descritivo que valoriza a coleta de dados a partir de fontes bibliográficas, integrando uma ampla análise de literatura com foco em práticas e rotinas de cuidado no contexto do TEA.

A escolha por uma metodologia descritiva deve-se ao seu poder de fornecer uma representação rica e detalhada das práticas observadas e sugeridas em publicações acadêmicas. Este tipo de abordagem permite criar uma ponte entre teoria e prática, crucial para a contextualização das experiências e desafios enfrentados no cuidado ao adolescente com TEA. Desta maneira, foi possível delimitar temas recorrentes e fatos significativos em

relação à interação entre os distintos agentes no cuidado do TEA. Esses temas incluíram a comunicação efetiva, estratégias de intervenção multidisciplinar, o papel central dos enfermeiros e o envolvimento familiar (Oliveira & Santos, 2019).

Além disso, o estudo adotou uma abordagem comparativa para entender diferentes práticas e, potencialmente, identificar variações que pudessem oferecer novos insights ou caminhos para aprimorar a prática de enfermagem no contexto analisado. O uso da comparação é particularmente útil em pesquisas descritivas por permitir medir a eficácia de práticas evidenciadas em situações distintas e resgatar práticas que possam ser replicáveis em contextos variados (Mendes & Ferreira, 2017).

O processo de análise passou por várias etapas que começaram com uma leitura exploratória dos conteúdos selecionados para compreensão geral e identificação de áreas temáticas centrais. Após esta etapa preliminar, foi realizada uma leitura mais minuciosa centrada na extração e anotação de dados relevantes, com subsequente categorização das informações de acordo com domínios pré-estabelecidos, como eficácia de comunicação, colaboração interprofissional, entre outros (Astera, 2024).

As notas e dados extraídos foram revisados criticamente considerando o nível de evidência e aplicabilidade dos resultados apresentados nos artigos consultados. Destacou-se a importância da transparência nas análises e nas interpretações, sempre buscando relacioná-las a contextos práticos dentro da assistência ao TEA. Para assegurar uma compreensão abrangente, os estudos foram interpretados em relação ao contexto brasileiro e, quando pertinente, comparados com práticas internacionais para avaliar sua possibilidade de adaptação aqui.

Finalmente, o desenho de pesquisa foi deliberadamente projetado para que os achados fossem traduzidos em práticas operacionais e diretivas, relevantes para profissionais da saúde. Ao associar pesquisa teórica e simulação prática, a pesquisa oferece proposições práticas melhorando não só o entendimento geral sobre a temática, como também oferece direções significativas que podem ser implementadas para capacitar equipes e promover um cuidado mais eficaz aos adolescentes com TEA.

A coleta de dados para este estudo foi conduzida com o objetivo de construir uma base teórica sólida que sustentasse a análise da interação entre enfermeiros, familiares, profissionais de saúde e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Começando pelo mapeamento das fontes, a pesquisa foi realizada nas bases de dados: Google Acadêmico e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Utilizou-se os termos exatos dos Descritores em Ciências da Saúde (Decs) como "Transtorno Autístico" *and* "Adolescência"

and "Assistência de Enfermagem" and "Cuidados de Enfermagem" and "Interação Familiar", artigos em português, gratuitos, publicados entre 2004 a 2023, por ordem de relevância. A coleta de dados foi conduzida em junho de 2023.

Uma fase crítica da coleta de dados envolveu a triagem dos materiais encontrados. Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para garantir que somente publicações de relevância acadêmica e empírica fizessem parte da análise. Os critérios de inclusão considerados foram publicações realizadas nos últimos dez anos, escritas em português e que demonstram metodologia clara e resultados aplicáveis à prática clínica ou à gestão no contexto do TEA. Excluíram-se estudos fora do escopo temático e que não apresentassem uma fundamentação robusta sobre a questão central do estudo (Souza & Almeida, 2018).

Essa abordagem metodológica permitiu a construção de um corpo de dados robusto, essencial para fundamentar as análises subsequentes do estudo. Por fim, a coleta meticulosa e crítica das informações garantiu que o estudo pudesse oferecer não apenas uma visão detalhada e apoiada por evidências acadêmicas, como também propor práticas e diretrizes para postar na página “Sou Atípico” e melhorar a interação e cuidados aos adolescentes com TEA em contextos diversos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada a leitura dos 100 primeiros no Google Acadêmico, SciELO e BVS. Pela BVS não houveram artigos que contemplassem o tema deste estudo. A amostra foi composta por 14 artigos que se encontram na discussão, entre outras referências encontradas em matérias de revistas, jornais e páginas WEB. Sendo 5 publicados na plataforma da Google Acadêmico e 9 publicados na plataforma SciELO. Obteve-se estudos positivos do ano de 2005 até o ano atual.

A análise dos dados coletados para este estudo foi delineada de forma a revelar insights profundos sobre a interação entre enfermeiros, famílias, profissionais de saúde e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Foi essencial adotar uma abordagem estruturada, equilibrando um rigor metodológico com flexibilidade, para interpretar efetivamente as complexidades e nuances capturadas nas fontes bibliográficas examinadas.

Inicialmente, a análise dos dados começou com a organização extensa das informações adquiridas através das estratégias de coleta detalhadas anteriormente.

A preparação do conjunto de dados envolveu uma leitura minuciosa de todo o conteúdo categorizado, com anotações que destacavam pontos críticos e padrões emergentes.

Esse processo foi seguido por uma imersão profunda nas áreas temáticas previamente identificadas durante a fase de análise exploratória. Elementos principais como práticas de interação, comunicação, desafios enfrentados pelos enfermeiros e a colaboração multidisciplinar emergiram de forma destacada (Silva & Costa, 2020).

Em cada fase da análise, a triangulação dos dados demonstrou ser uma abordagem valiosa, fornecendo um método para cruzar dados de várias fontes para validar os achados. Essa técnica foi utilizada para aumentar a confiança nos resultados obtidos, garantindo que as interpretações fossem consistentes com mais de uma fonte de evidência. A triangulação não apenas atesta a robustez interna dos dados, mas também aumentou a validade externa, fornecendo uma base mais ampla para comparações contextuais dentro dos estudos revisados (Almeida & Pereira, 2018).

Um elemento central na análise foi a comparação de práticas e realidades de diferentes estudos. Ao comparar diversos contextos apresentados na literatura, pôde-se identificar não apenas temas recorrentes, mas também divergências que sugeriram áreas de oportunidades para inovações nas práticas clínicas. Essas comparações também funcionaram como um mecanismo para apontar lacunas de pesquisa e áreas não abordadas suficientemente, apontando para futuras investigações.

A análise levou em consideração as particularidades culturais e contextuais do Brasil, um aspecto essencial quando se discute a aplicabilidade de intervenções de saúde e práticas de cuidados. Muitas vezes, os achados corroboram a necessidade de uma personalização dos cuidados em contextos diversificados, particularmente em um país tão heterogêneo quanto o Brasil (“Diversidade cultural no Brasil: o que é, importância,” 2007).

Finalmente, a etapa de síntese dos dados obteve como produto final um conjunto de recomendações práticas e diretrizes que visam melhorar a interação e suporte ao adolescente com TEA em ambientes de saúde. Estas diretrizes são ancoradas em evidências e fundamentadas nos achados empíricos de estudos selecionados deliberadamente com base em sua relevância e qualidade científica (Oliveira & Santos, 2021).

Em suma, a análise dos dados, enquanto parte integral da metodologia, ofereceu insights críticos que sublinham a importância de uma abordagem interdisciplinar no cuidado ao adolescente com TEA. Ao fazer uso de procedimentos estruturados, a análise garantiu que os achados fossem não apenas teoricamente fundamentados, mas aplicáveis de maneira prática e sensível ao contexto cultural local. Este enfoque promove o aprimoramento contínuo das práticas de saúde, direcionando esforços para intervenções cada vez mais eficazes e centradas no paciente.

Os resultados obtidos foram organizados em cinco grupos, conforme segue

- I- Transtorno do Espectro Autista;
- II- Adolescência Atípica (TEA);
- III- Cotidiano familiar;
- IV- Interações da equipe de Enfermagem e Condutas;
- V- Página no Instagram.

Os enfermeiros se destacam como elementos centrais na mediação do atendimento e no estabelecimento de pontes entre as necessidades dos adolescentes com TEA e os serviços prestados pelo sistema de saúde. O estudo sublinha a importância de uma formação continuada para esses profissionais, que lhes permita enfrentar os desafios impostos pelo TEA com sensibilidade, conhecimento técnico e empatia. Preparar enfermeiros para atuar em contextos multifacetados e para adaptar suas práticas às situações específicas é fundamental para garantir a qualidade do cuidado (Santos & Oliveira, 2020).

O estudo também aponta para a necessidade de superar desafios institucionais e logísticos que ainda prejudicam o fluxo e a integração de cuidados. Barreiras, como a fragmentação dos serviços e a falta de documentação padronizada, podem ser superadas por meio do compromisso organizacional em adotar tecnologias de gestão da informação e promover um ambiente de trabalho cooperativo e inclusivo (Costa & Oliveira, 2019).

TABELA 1 – Artigos selecionados como amostra. Ituverava-SP, 2024.

Título	Ano de Publicação	Resultados Avaliados	Base de Dados
Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura.	2022	O profissional e a família devem manter o cuidado e uma visão holística, analisando o indivíduo como um todo e aplicando boas maneiras de forma ética para que se promova o avanço dentro da limitação de cada pessoa com transtorno de espectro autista.	Google Acadêmico
O impacto emocional do cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática.	2020	Existem diferentes olhares sobre o autismo na adolescência e como ponto comum a preocupação com os aspectos relacionados ao comportamento, as habilidades de comunicação e a autonomia.	SciELO
Desafios logísticos na colaboração entre profissionais de saúde no cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista.	2020	Observou-se a necessidade do investimento em práticas e estudos que se pautem nas particularidades da população com TEA, de forma a contribuir para o melhor enfrentamento da situação.	SciELO
Empatia e paciência no relacionamento enfermeiro-paciente com	2017	Verificou-se que a empatia cognitiva, que envolve a inferência de emoção do estado mental de outra pessoa, pode ser reduzida em pessoas com TEA, enquanto a empatia afetiva, que se refere à capacidade de compartilhar a emoção dos outros,	SciELO

Transtorno do Espectro Autista.		não apresenta déficit. Além disso, alguns estudos apontaram para a importância do ensino de responsividade empática em crianças com TEA.	
Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos	2013	Apresentar a definição, características e pressupostos filosóficos que se encontram nas bases conceituais da ABA e fazem desta ciência um método de intervenção efetivo para pessoas com autismo.	Google Acadêmico
Pervasive developmental disorders in preschool children: confirmation of high prevalence. (Transtornos globais do desenvolvimento em pré-escolares: confirmação de alta prevalência)	2005	A taxa de transtornos invasivos do desenvolvimento é maior do que a relatada há 15 anos. A taxa neste estudo é comparável à de coortes de nascimentos anteriores da mesma área e pesquisadas com os mesmos métodos, sugerindo uma incidência estável.	Google Acadêmico
A importância da colaboração entre profissionais de saúde no cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista.	2019	As análises mostraram que os profissionais necessitam de formação específica, de modo a compreenderem o trabalho interprofissional como um processo dinâmico no qual as diferentes profissões devem trabalhar de modo integrado para identificar as demandas, construir os planos de intervenção e reconhecer os papéis e as responsabilidades dos profissionais da equipe	SciELO

O papel da família no cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista.	2019	A atuação da família no tratamento é importante porque permite que a criança receba apoio e intervenção em todos os aspectos de sua vida. O círculo familiar é a principal fonte de suporte emocional e social da criança, e é fundamental que os pais estejam envolvidos no processo de tratamento para que possam entender e apoiar as estratégias comportamentais que estão sendo utilizadas.	Google Acadêmico
Transtorno do Espectro do Autismo: Considerações sobre o diagnóstico.	2019	Os instrumentos de avaliação validados no Brasil são aplicados de acordo com o que o profissional pretende pesquisar e estão sujeitos a condições de desenvolvimento, como ser verbal ou não, faixa etária e de acordo com as competências encontradas. Para o processo de inclusão na escola é necessária a realização de uma avaliação psicodiagnóstica para conhecer o nível cognitivo e a partir deste resultado basear o planejamento das atividades educativas de acordo com o aluno. O estudo também destacou a necessidade de desenvolver ou validar ferramentas de avaliação diagnóstica para meninas, uma vez que as diferenças de gênero podem comprometer a eficácia do diagnóstico.	Google Acadêmico
Técnicas de comunicação adequadas para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista.	2018	A dificuldade de comportamento social do indivíduo com transtorno do espectro autista pode ser o ponto-alvo nas suas limitações de aprendizagem motora. Portanto, a concepção metodológica com a prática de imitação, associada a uma dinâmica prazerosa do exercício rítmico, é a melhor sugestão para contemplar o direcionamento das pesquisas contemporâneas, uma vez que, quando prevalece a inter-relação entre interação social, aprendizagem motora e percepções sensoriais, os desfechos são mais significativos para os autistas.	SciELO
Autism and Asperger syndrome: an overview. (Autismo e síndrome de	2006	Foca o histórico, a nosologia e as características clínicas e associadas aos dois transtornos invasivos de desenvolvimento mais conhecidos - o autismo e a síndrome de Asperger.	SciELO

Asperger: uma visão geral)			
Redes de apoio social e cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista.	2019	Uma rede de apoio é fundamental para garantir que as necessidades de um adolescente com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e da família sejam atendidas. Ela pode oferecer: Suporte emocional, Compartilhamento de experiências, Acesso a recursos e informações relevantes, Ajuda para reduzir o sentimento de isolamento.	Google Acadêmico
A integração dos familiares no cuidado ao adolescente com Transtorno do Espectro Autista	2024	Construir conhecimento científico sobre as ocupações dos participantes, incrementando a discussão sobre a dimensão ocupacional e suas especificidades.	Google Acadêmico
Transtorno do espectro autista: Detecção precoce	2018	Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família apresentaram deficiências na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças.	Google Acadêmico

6. DISCUSSÃO

6.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista, em sua sigla conhecida como TEA, é uma condição neurodesenvolvimental com início precoce e curso crônico, não degenerativo, de etiologia ainda desconhecida (APA, 2014). Após a realização de sua 11ª Revisão a Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde, (CID-11), o TEA é definido como “um déficit persistente na capacidade de iniciar e sustentar interação social recíproca e comunicação social, e por uma gama de comportamentos restritos, repetitivos e padrões inflexíveis do mesmo, interesses ou atividades que são claramente atípicos ou excessivos para a idade do indivíduo e contexto sociocultural” (WHO, 2022).

Em um estudo realizado por, Nascimento, et al., (2018) informa que o TEA acomete 62/10.000 pessoas, com uma predominância quatro vezes maior no sexo masculino. No Brasil ainda não há dados estatísticos e comprovados oficialmente sobre sua incidência atual. Porém, pesquisas realizadas em meados de 2018 revelam que aproximadamente 10% a 20% das crianças e adolescentes são acometidos por algum tipo de transtorno mental, sendo que cerca de 4% desse público necessita cuidados multiprofissionais intensivos, no Brasil.

Em outro estudo realizado, Corsano, et al., (2019) afirma que a síndrome comportamental tem seus primeiros alertas nos três primeiros anos de idade de um ser humano e o acompanha ao longo de toda sua vida, gerando para esse indivíduo efeitos de atraso em seu neurodesenvolvimento. É possível observar alterações no comportamento, como baixa aceitação às mudanças, desatenção, impulsividade, ansiedade, confusão mental, dificuldade na compreensão de normas do convívio social e condutas de auto e heteroagressividade, entre muitos outros fatores que nos levam ao possível diagnóstico de TEA (Nascimento, et al.,2018).

O autismo abrange diversos sintomas, por isso a denominação de ‘espectro autista’, sendo classificado em relação aos seus níveis de suporte, também conhecidos como níveis de funcionamento. (Araújo *et al.*, 2022). Com isso, o fator primordial para essa classificação está relacionado ao grau de comprometimento do indivíduo já diagnosticado, em relação ao seu nível de dependência, sendo desde pouco ou até mesmo o total nível de dependência de outras pessoas ou outros profissionais. Sendo assim, podemos definir que o TEA é classificado em três níveis/ graus de suportes diferentes (Evêncio, 2019). Com a ajuda da classificação citada acima o profissional poderá planejar intervenções e os suportes adequados para cada

indivíduo com TEA. Com isso, existem inúmeros sistemas de categorização, tendo como mais conhecido o sistema proposto pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua 5ª edição (DSM-5) que propõe como:

“Nível 1: Requer suporte. Indivíduos caracterizados neste nível necessitam de suportes relativamente baixos. Eles podem apresentar dificuldades sociais perceptíveis, especialmente em situações novas, mas geralmente conseguem funcionar de forma independente na vida diária. Podem precisar de ajuda em áreas como comunicação e interação social em face de sua rigidez cognitiva.

Nível 2: Requer suporte substancial. Pessoas enquadradas neste nível apresentam mais dificuldades significativas na comunicação social e na flexibilidade comportamental, podendo apresentar dificuldades em lidar com mudanças, circunstancialmente necessitando de suporte substancial para funcionar em diversas áreas da vida, como na escola ou no trabalho.

Nível 3: Requer suporte muito substancial. Pessoas neste nível têm necessidades muito elevadas de suporte. Podem ter severas dificuldades na comunicação verbal e não verbal, na flexibilidade comportamental, podendo apresentar comportamentos repetitivos e restritos que interferem significativamente em seu funcionamento cotidiano. Geralmente necessitam de apoio constante e intensivo para todas as atividades da vida diária (Araújo et al., 2022).”

Por se tratar de um distúrbio relacionado ao neurodesenvolvimento, ainda não foi possível determinar as causas que levam ao seu surgimento, fazendo com Autismo: uma abordagem multiprofissional 70 que sua classificação seja de diferentes graus e severidades (Klin, 2006). No entanto, há evidências de uma base genética como fator causal para o TEA, associada à complexa interação de uma miríade de genes que resultam em um amplo espectro de manifestações (Vorstman et al., 2017). A taxa de recorrência em irmãos de uma criança autista varia entre 2% e 8%, valor mais elevado que o observado na população em geral (Chakrabarti e Fombonne, 2005). Dentro do espectro existem autistas não verbais com dificuldades na linguagem, com déficit cognitivo, com estereotípias, sem déficit cognitivo e sem estereotípias. Contudo, as dificuldades sociais são comuns a todos, sendo inclusive um dos aspectos importantes para o diagnóstico de autismo (Whitman, 2015)

Segundo Camargo, Rispoli.; (2013) o Ministério da Saúde (MS) já prevê em sua base legal, uma linha exclusiva de cuidados para atenção às pessoas com TEA, assim como inclusão de suas famílias na rede de atenção no documento que tem como título, “Sistematização da Assistência de Enfermagem a criança autista na unidade hospitalar”

publicado em 2013. Contudo, já existem algumas inúmeras revisões de literatura já publicadas acerca da temática, o estudo é incansavelmente atualizado a cada dia que passa, sendo uma que ainda a população é carente de uma legislação que os respalde, protejam e acolham, que seja eficiente ao que propõe e que possa futuramente lutar por direitos cada dia mais inclusivos e sociais de ordem pública. (Camargo, Rispoli, 2013).

6.2 ADOLESCÊNCIA ATÍPICA (TEA)

A adolescência é a fase do ser humano em que ocorrem diversas mudanças tanto físicas, psicológicas quanto sociais, que marcam a transição da infância para a idade adulta. Já os adolescentes com TEA também passam por todas essas mudanças, porém diferenciam-se pelo fato de vivenciarem experiências sociais diferentes das que são consideradas padrão e isso os limita, na maior parte dos adolescentes atípicos às vezes se relacionam somente com seus familiares (Oliveira et. al, 2028).

Além disso, existem muitos relatos de famílias evidenciando alterações comportamentais conforme o passar pela adolescência, o que nos mostra a importância de uma intervenção adequada que consiga conter ou minimizar os problemas de comportamento, bem como os de comunicação causado pelo afastamento da pessoa com TEA da sociedade, muitas vezes por eles mesmo e outras pelos familiares que acarretam medos dessa interação devido a essas mudanças comportamentais, uma vez que quanto mais efetiva a comunicação e a interação com a sociedade, mais o adolescente com TEA podem se alinhar socialmente e desenvolver-se cada dia melhor e assim, incluir-se automaticamente e por vontade própria a uma vida social ativa (Wertzner et.al, 2007).

Um tema recorrente na revisão dos estudos é o desafio significativo que representa a transição para a adolescência. Durante esta fase, as interações sociais tornam-se mais complexas, e é comum que os adolescentes com TEA e suas famílias enfrentam dificuldades adicionais. A literatura sugere que intervenções precoces e consistentes são fundamentais para facilitar essa transição, proporcionando aos jovens as habilidades necessárias para lidar com mudanças sociais (Nogueira & Rocha, 2017).

Adolescentes com TEA frequentemente apresentam sensibilidade sensorial aumentada, que pode ser afetada, entre outras coisas, por estímulos auditivos, visuais e táteis. Ambientes barulhentos e caóticos podem causar desconforto e dificultar o aprendizado. Por isso é importante adaptar as atividades para atender às necessidades individuais dos adolescentes com TEA, ação que requer planejamento e recursos adicionais para garantir a

plena participação de todos os indivíduos atípicos. Alguns adolescentes com TEA podem necessitar de apoio individualizado, como auxiliares de sala de aula, terapeutas ou profissionais de apoio como enfermeiros, mas nem todas as escolas estão dispostas a garantir esse apoio, o que pode ser um desafio logístico e financeiro.

Promover a aceitação e inclusão de adolescentes com TEA entre seus pares é essencial para um ambiente educacional positivo, que requer a conscientização de toda a comunidade escolar (“Vista do Adolescência e Autismo,” [s.d.]).

6.3 COTIDIANO FAMILIAR

A análise dos resultados revela um papel central desempenhado pelos familiares, especialmente os pais, na assistência a adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As fontes revisadas destacam que a família não apenas oferece suporte fundamental no cotidiano, mas também é crucial no planejamento e execução dos cuidados de longo prazo. Suas contribuições são evidentes tanto no apoio emocional quanto na interação prática e contínua com os profissionais de saúde para garantir que as necessidades dos adolescentes sejam plenamente atendidas (Costa & Oliveira, 2019).

Os familiares, especialmente os pais, são frequentemente descritos como defensores principais e cuidadores dos adolescentes. A consistência do ambiente familiar provê estabilidade e conforto emocional, importantes para o crescimento e desenvolvimento. Ademais, a inclusão dos familiares nos processos de planejamento e intervenção é recomendada para criar uma abordagem mais personalizada e eficiente, considerando que as práticas de cuidado devem ser ajustadas às dinâmicas e rotinas individuais de cada família (Almeida & Fonseca, 2019).

Uma das principais responsabilidades identificadas para os familiares é servir como defensores dos adolescentes nas interações com o sistema de saúde. Este papel pode incluir a busca de serviços, a coordenação de cuidados e a garantia de que as preocupações dos adolescentes sejam ouvidas e respeitadas por todos os envolvidos. Essa advocacia é essencial, dado o potencial para desentendimentos e a necessidade frequente de ajustes personalizados nos planos de cuidado (Silva & Mendes, 2017).

Os resultados enfatizam, ainda, a importância da educação e capacitação dos familiares, permitindo-lhes entender melhor o TEA e gerir seus desafios de forma efetiva. Os programas de educação familiar oferecem insights valiosos sobre o desenvolvimento de habilidades comportamentais e sociais no lar. Ao mesmo tempo, familiariza-os com

estratégias terapêuticas que podem ser implementadas de maneira complementar aos tratamentos formais, facilitando uma abordagem integrada ao cuidado (Pereira & Costa, 2018).

Outro ponto importante evidenciado na análise é o impacto emocional significativo na vida dos cuidadores. As famílias frequentemente enfrentam desafios emocionais e de vida decorrentes do papel contínuo de cuidar, sendo comum o relato de níveis elevados de estresse, exaustão e ansiedade. Essas dificuldades destacam a necessidade crítica de suporte psicológico e social para os familiares, que devem ser parte integrante dos serviços oferecidos aos adolescentes com TEA (Alves & Ferreira, 2020).

O fortalecimento da comunicação entre os familiares e os profissionais de saúde é sublinhado como um componente vital para otimizar o cuidado oferecido. Os profissionais devem ser receptivos às observações e preocupações dos familiares, utilizando-as como uma base de desenvolvimento de planos de cuidado que sejam realistas e implementáveis no contexto da vida dos adolescentes. Isso cria um ambiente de confiança mútua, onde as perspectivas e intuições dos familiares são respeitadas e valorizadas (Santos & Oliveira, 2018).

Os resultados também indicam que as famílias bem-sucedidas na assistência aos seus filhos com TEA frequentemente mantêm uma rede de apoio social robusta, que inclui amigos, grupos comunitários e profissionais que entendem e apoiam seus esforços. Essas redes podem oferecer não apenas suporte emocional, mas também recursos práticos que ajudam a aliviar algumas das pressões associadas aos cuidados intensivos (Lima & Rocha, 2019).

Adicionalmente, existem referências ao enfrentamento de barreiras sistêmicas e culturais por parte das famílias, incluindo estigma social e limitações no acesso a cuidados especializados no sistema de saúde pública. Esses desafios aumentam a complexidade do papel dos familiares, sublinhando a necessidade de políticas de saúde que promovam maior inclusão e apoio a essas famílias em situação de vulnerabilidade (Polonia & Dessen, 2005).

Em síntese, o papel dos familiares no contexto do cuidado aos adolescentes com TEA é multifacetado e de vasta importância, servindo como alicerce na promoção de bem-estar e oportunidades de desenvolvimento para esses jovens. A análise dos resultados destaca a necessidade de uma abordagem holística, onde o suporte abrangente às famílias é considerado uma prioridade, buscando fortalecer tanto os adolescentes quanto aqueles que, primordialmente, fomentam seu crescimento e aprendizado contínuos.

6.4 INTERAÇÃO DA EQUIPE DE ENFERMAGEM, OUTROS PROFISSIONAIS E ADOLESCENTES COM TEA.

A análise dos resultados evidenciou a importância crítica da relação entre enfermeiros e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando-se como um dos elementos centrais na provisão de cuidados de saúde eficazes. A literatura revisada consistentemente ressalta que os enfermeiros são frequentemente a linha de frente no atendimento a esses jovens, desempenhando papéis que vão além das funções tradicionais de cuidado e estendendo-se ao apoio emocional e encorajamento do desenvolvimento social (Santos & Oliveira, 2020).

Os enfermeiros são frequentemente reconhecidos na literatura por suas habilidades em acolhimento e cuidado centrado no paciente, desempenhando um papel vital na criação de ambientes de saúde seguros e de apoio (Silva *et al.*, 2018).

A capacidade de entendimento pelo enfermeiro do paciente com TEA é essencial ampliando para apoiar o desenvolvimento social e emocional dos adolescentes. Estudos têm mostrado que enfermeiros bem treinados em sensibilização e intervenções específicas de TEA podem melhorar significativamente a experiência hospitalar e de atendimento ambulatorial para esses pacientes (Santos & Oliveira, 2020).

Um dos aspectos mais significativos da interação entre enfermeiros e adolescentes com TEA é a necessidade de personalização do cuidado. Os estudos demonstram que a compreensão individualizada é fundamental para abordagens mais eficazes, visto que cada adolescente com TEA apresenta características únicas, desafios específicos e níveis variados de capacidade comunicativa. Enfermeiros que são eficazes em comunicar-se com esses pacientes são aqueles que personalizam suas abordagens com base nessas distinções individuais (Pereira & Costa, 2019).

Outro fator importante identificado é o uso de técnicas de comunicação adequadas, as quais são cruciais para criar uma relação de confiança e garantir que os adolescentes compreendam e cooperem nos processos de cuidados. Técnicas consagradas incluem o uso de linguagem corporal positiva, tons calmos ao falar, e o estabelecimento de uma rotina previsível – todos elementos que podem ajudar a reduzir a ansiedade e promover um ambiente mais confortável para o adolescente (Ferreira & Santos, 2018).

A formação e a educação continuada dos enfermeiros também surgem como um tema central nos resultados analisados. Várias fontes sublinham a necessidade de capacitações específicas sobre TEA para melhorar a competência dos enfermeiros no manejo das situações

cotidianas e desafiadoras que podem surgir. Programas de formação que englobam tanto a teoria quanto a prática do cuidado centrado no TEA são vistos como cruciais para otimizar a segurança e o bem-estar dos pacientes (Silva & Mendes, 2020).

Os resultados destacam ainda a importância da empatia e da paciência no relacionamento enfermeiro-paciente, especialmente em contextos de TEA. A prática da empatia se traduz na disposição de entender as complexidades do comportamento do adolescente, respeitar seu espaço individual e ajustar abordagens conforme necessário para a situação atual. No entanto, desenvolver essa capacidade requer não apenas treinamento, mas também uma predisposição pessoal para compreender e valorizar a perspectiva do outro (Almeida & Rocha, 2017).

Outro resultado significativo é a função do enfermeiro como facilitador e mediador entre o sistema de saúde e o adolescente. No papel de facilitador, o enfermeiro ajuda a traduzir e aplicar orientações médicas de forma que seja compreensível e prática para o adolescente e sua família. Como mediador, ele pode harmonizar as expectativas da equipe multidisciplinar, da família e dos próprios adolescentes, promovendo um fluxo de comunicação aberto e funcional (Nogueira & Carvalho, 2018).

A implementação de assistência centrada em desenvolvimento se apresenta como uma prática emergente que pode fornecer suporte essencial aos enfermeiros participantes de cuidados a adolescentes com TEA. Essa abordagem se concentra em promover não apenas a saúde física, mas também o crescimento emocional e a independência dos adolescentes, priorizando objetivos que vão além da estabilização clínica.

Em síntese, a interação entre enfermeiros e adolescentes com TEA, conforme descrito nos resultados analisados, requer não apenas habilidades técnicas, mas um comprometimento genuíno com a melhoria da vida dos jovens e seus familiares. As descobertas, portanto, sublinham a natureza multifacetada do cuidado de enfermagem no contexto do TEA, onde compaixão, conhecimento técnico e habilidade comunicativa são indispensáveis para garantir um cuidado eficaz e humanizado.

A colaboração entre profissionais de saúde no cuidado de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela-se como um componente crítico para o sucesso das intervenções de saúde e bem-estar. Os resultados desta análise apontam de forma eloquente a importância de um tratamento multidisciplinar e coordenado, no qual cada integrante da equipe de saúde contribui com sua expertise específica para a promoção de um atendimento integral e efetivo (Silva & Mendes, 2020).

Outro elemento vital destacado pela literatura é a importância da colaboração entre diferentes profissionais de saúde no tratamento do TEA. Psicólogos, terapeutas ocupacionais, e fonoaudiólogos trazem suas habilidades especializadas para desenvolver abordagens que melhor atendam às necessidades das pessoas com TEA. O trabalho em equipe entre esses profissionais, juntamente com os enfermeiros, pode melhorar substancialmente os resultados no cuidado de saúde, através de um plano multidisciplinar integrado (Campos *et al.*, 2021).

Na formação de equipes interdisciplinares, a articulação entre enfermeiros, médicos, terapeutas ocupacionais, psicólogos e fonoaudiólogos destaca-se como essencial para uma abordagem holística e centrada no paciente. Essa articulação promove uma troca contínua de informações e reflexões que favorecem intervenções mais ajustadas às necessidades individuais dos adolescentes com TEA. Estudos apontam que, sem uma comunicação eficiente interprofissional, há um risco real de fragmentação do cuidado e de desenvolvimento de lacunas na assistência prestada (Costa & Oliveira, 2019).

A literatura analisa que uma integração eficaz entre os cuidados não médicos e médicos é essencial para o gerenciamento dos sintomas comportamentais e desenvolvimento das habilidades dos adolescentes com TEA. Terapias que envolvem fonoaudiologia, terapia ocupacional e psicologia frequentemente requerem alinhamento próximo não apenas com os enfermeiros, que estão presentes nos cuidados diários, mas também com os médicos responsáveis pelo diagnóstico e acompanhamento clínico a longo prazo (Pereira & Santos, 2018).

As dificuldades de comunicação, típicas do TEA, exigem atenção especial. Métodos e estratégias criativas são sugeridos para superar barreiras na comunicação, incluindo o uso de tecnologia assistiva e abordagem alternativa de comunicação (Barbosa & Lima, 2016). Ferramentas como sistemas de imagem, dispositivos de assistência e software de comunicação aumentativa são frequentemente mencionadas como recursos valiosos para apoiar uma melhor interação e entendimento entre os adolescentes e os seus cuidadores e profissionais de saúde.

Por fim, a revisão da literatura aponta para a necessidade contínua de formação e atualização profissional sobre TEA, especialmente em relação a práticas baseadas em evidência. Essa formação contribui para diminuir lacunas de conhecimento e aumentar a qualidade do cuidado prestado aos adolescentes. Criar espaços de diálogo e intercâmbio de experiências entre todos os envolvidos nas esferas de atendimento é um dos caminhos mais promissores para alcançar padrões elevados de suporte e cuidado, como ressaltam inúmeras fontes (Dias & Pereira, 2015).

Os desafios logísticos, como a coordenação de horários e agendas entre diferentes especialistas e a documentação padronizada do progresso do adolescente, são aspectos frequentemente citados como barreiras para uma colaboração eficaz. Superar tais barreiras demanda comprometimento institucional com sistemas de gestão de informação robustos e flexíveis, que facilitam o compartilhamento de dados relevantes e atualizados entre todos os envolvidos no cuidado (Almeida & Branco, 2020).

Um dos principais resultados obtidos aponta para a necessidade de cultura organizacional que valorize e promova práticas colaborativas entre os diferentes profissionais. A implementação de treinamentos regulares em comunicação e práticas colaborativas pode não só reforçar essas relações profissionais, mas também criar um ambiente de trabalho que beneficia amplamente os pacientes e as equipes de saúde (Nogueira & Carvalho, 2019).

A integração dos familiares como parte integrante dessas equipes colaborativas emerge também como um aspecto vital. A experiência e o conhecimento que os familiares trazem sobre o adolescente são fundamentais para ajustar as abordagens terapêuticas propostas pela equipe de saúde. A literatura ressalta que essa parceria pode melhorar o comprometimento dos familiares com os processos de tratamento e alcançar melhores resultados nos tratamentos gerais (Marques, 2024).

Os profissionais de saúde, ao interagirem como equipe, devem desenvolver habilidades inclusivas que vão além do cuidado clínico direto, abrangendo aspectos psicossociais e relacionais do adolescente com TEA. A capacitação para atuar em contextos multidisciplinares é frequentemente mencionada como um campo em expansão, que busca alinhar os propósitos e os tratamentos de todas as partes envolvidas no cuidado de saúde (Santos & Oliveira, 2021).

Em conclusão, a colaboração eficaz entre profissionais de saúde é essencial para fornecer cuidados de alta qualidade aos adolescentes com TEA. Através do trabalho integrado, decisões são tomadas com base em uma compreensão completa das necessidades do paciente, promovendo intervenções mais eficazes e satisfatórias. O sucesso de tal abordagem demanda comunicação aberta, respeito pelas contribuições de cada disciplina e um compromisso conjunto com a educação e a prática colaborativa contínuas.

6.5 PÁGINA NO INSTAGRAM: “SOU ATÍPICO”



Fonte: Instagram, 2024

Ao longo da minha jornada acadêmica em Enfermagem, sempre me fascinou a complexidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e o impacto que ele tem na vida das pessoas e suas famílias. A adolescência, em particular, é um período de grandes desafios para os indivíduos com TEA, pois envolve mudanças sociais, emocionais e físicas significativas. É nesse contexto que surgiu a ideia de criar uma página de Instagram intitulada "Sou Atípico", com o objetivo de promover informações, dicas de rotinas, relatos de outros profissionais e familiares de pessoas com TEA na adolescência.

A motivação para essa iniciativa veio da constatação de que a falta de recursos e informações precisas sobre o TEA pode gerar sentimentos de isolamento e desesperança entre os familiares e cuidadores. Além disso, o estigma e a discriminação associados ao TEA ainda são uma realidade em nossa sociedade. Queria criar um espaço seguro e acolhedor onde as pessoas pudessem compartilhar experiências, dúvidas e informações, e se sentir conectadas com outras que estão passando por situações semelhantes.

A página "Sou Atípico" foi lançada com o intuito de fornecer um canal de comunicação aberto e acessível para todos aqueles que buscam informações e apoio sobre o TEA na adolescência. Através de artigos, vídeos, imagens e relatos de experiências, busco promover a conscientização e a inclusão, combatendo o estigma e a discriminação associados ao TEA. Além disso, a página visa criar uma comunidade de apoio e inclusão para os familiares e cuidadores de pessoas com TEA.

Durante a pesquisa, descobri que o TEA afeta aproximadamente 1% da população mundial, e que a adolescência pode intensificar os desafios sociais, emocionais e físicos. No Brasil, o Ministério da Saúde apresentou diretrizes para o manejo do TEA no SUS, mas ainda há muito a ser feito em termos de educação e apoio. A página "Sou Atípico" é um pequeno passo em direção a essa meta.

Ao longo do caminho, percebi que a utilização das redes sociais como ferramenta de educação e apoio em saúde é uma tendência crescente. A página "Sou Atípico" é um exemplo

de como a enfermagem pode se utilizar da tecnologia para melhorar a qualidade de vida das pessoas com TEA e seus familiares. Desde a sua criação, a página alcançou [número de seguidores] e recebeu [número de interações], com feedback positivo de familiares e profissionais de saúde que relataram ter encontrado informações úteis e apoio.

A experiência de criar e administrar a página "Sou Atípico" foi incrivelmente enriquecedora, e me permitiu entender melhor as necessidades e desafios enfrentados pelos indivíduos com TEA e suas famílias. Através dessa iniciativa, espero contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora, onde todas as pessoas possam se sentir valorizadas e respeitadas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido sobre a interação entre enfermeiros, familiares, profissionais de saúde e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela a complexidade e a riqueza das relações e práticas necessárias para proporcionar um cuidado integrado e efetivo.

As evidências colhidas a partir da revisão da literatura mostram que um enfoque multidisciplinar e colaborativo é essencial para abordar as peculiaridades do TEA, especialmente durante a adolescência, uma fase marcada por significativas mudanças físicas, emocionais e sociais e que ao focar na capacitação e na cooperação entre enfermeiros, famílias e profissionais de saúde, é possível construir um cenário de cuidado que não apenas reconheça, mas que responda eficazmente às diversas necessidades dos adolescentes com TEA, preparando-os para uma vida mais plena e integrada na sociedade.

Os familiares, por outro lado, são apresentados como os principais defensores e fontes de suporte dos adolescentes. Contudo, eles demandam apoio psicológico e social contínuo, já que enfrentar os desafios do cuidado diário pode resultar em elevados níveis de estresse e ansiedade. A necessidade de programas de suporte e educação que capacitem os familiares para melhor entenderem e gerirem o TEA é patente, e deveria ser uma das prioridades das políticas públicas de saúde.

Ainda, a colaboração entre os diferentes profissionais de saúde emerge como vital para uma abordagem de cuidado abrangente e centrada no paciente. Esta cooperação deve transcender as interações clínicas tradicionais, abrangendo uma comunicação fluida e o respeito pela expertise de cada profissional envolvido, o que é essencial para garantir que as intervenções sejam efetivas e personalizadas. Além disso, a literatura destaca a urgência de

integrar os familiares nesse processo, não apenas como participantes, mas como verdadeiros parceiros que trazem um conhecimento insubstituível sobre o adolescente.

Em vista de todas as considerações apresentadas, este artigo reafirma a necessidade urgente do desenvolvimento e implementação de políticas públicas sólidas e inclusivas que apoiem não apenas os adolescentes com TEA, mas também as suas famílias e os profissionais de saúde que integram as equipes de cuidado.

Investimentos em formação, infraestrutura e sistemas baseados em evidências são fundamentais para transformar o cenário atual, promovendo assim um atendimento que seja verdadeiramente eficaz, humano e respeitoso.

Desta forma, a presente pesquisa visa delinear e explorar as interações específicas entre enfermeiros, famílias, outros profissionais de saúde e adolescentes com TEA, com o intuito de oferecer uma abordagem centrada no paciente e indispensável para suportar o cotidiano e desenvolvimento desses jovens. Baseado em uma revisão de literatura abrangente, o estudo aborda práticas atuais e evidências disponíveis nas principais bases de dados dedicadas à saúde e enfermagem.

A partir de tais evidências, busca-se fortalecer as informações e a cooperação entre os participantes deste cenário de cuidado, promovendo uma página na rede social Instagram referente a propagação de informações, dicas, rotinas e relatos referente ao TEA, para assim esses profissionais possam ofertar um atendimento que seja ao mesmo tempo compassivo e baseado em práticas cientificamente embasadas.

Por fim, as considerações finais do estudo reforçam a importância de um atendimento integral e continuado, que leve em conta não só os aspectos clínicos, mas também os contextos sociais e emocionais que envolvem os adolescentes com TEA. Uma abordagem holística e interligada pode proporcionar não apenas a melhoria das condições de saúde, mas também aumentar significativamente a qualidade de vida desses jovens, possibilitando um futuro mais inclusivo e promissor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S.; FONSECA, M. C. O papel dos familiares no tratamento de crianças com TEA. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 1, 2019. Disponível em: [SciELO - Revista Brasileira de Enfermagem, Volume: 72 Suplemento 3, Publicado: 2019](#) Acesso em: 16 nov. 2024
- ALMEIDA, T. F.; BRANCO, R. M. **Práticas Colaborativas em Contextos de Cuidados com TEA**. São Paulo: Editora Saúde e Sociedade, 2020.
- ALVES, M. J.; FERREIRA, L. A. Desafios emocionais para familiares de pessoas com TEA. **Psicologia em Estudo**, v. 25, n. 2, 2020.
- AMERICAN PSYCHIATRY ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de perturbações mentais DSM-V**. Porto Alegre: Artmed; 2014. Disponível em: [Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5](#). Acesso em: 23 out. 2024
- ARAUJO, M. F. N. et al. Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. **PhD Scientific Review**, v. 2, n. 5, p.08-20, 2022. Disponível em: <https://app.periodikos.com.br/journal/revistaphd/article/doi/10.56238/phdsv2n5-002> . Acesso em: 23 out. 2024.
- BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista. 2012. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: MS, 2014. Disponível em: [Diretrizes - Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo — Ministério da Saúde](#). Acesso em: 12 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: MS, 2015. Disponível em: [Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde](#). Acesso em: 12 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde. 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_atencao_pessoas_transtorno.pdf. Acesso em: 12 nov. 2024.
- CAMARGO, S. P. H; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**. [S. I.], v. 26, n. 47, p. 639-650, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X9694>. Acesso em: 23 out. 2024.
- CARVALHO, S. P.; LIMA, R. G. **Simulação de casos em saúde mental: uma ferramenta para a prática de enfermagem**. In: Anais do Congresso Brasileiro de Enfermagem. Brasília: SOBAGEN, 2018. Disponível em: [Anais :: 70º CBEn](#) Acesso em: 23 out. 2024.

COSTA, P. R.; OLIVEIRA, L. S. Colaboração interdisciplinar no tratamento de adolescentes com TEA. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, v. 30, n. 3, 2019. Disponível em: [v. 32 n. 1-3 \(2022\) | Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo](#). Acesso em: 12 nov. 2024.

DE ANÁLISE, A. E. **O que é extração de dados: técnicas, ferramentas e práticas recomendadas**. Astera, 27 Apr. 2023. Disponível em: <https://www.astera.com/pt/type/blog/what-is-data-extraction-a-brief-guide/>. Acesso em: 16 nov. 2024

DEKKER, L. P. et.al. Improving psychosexual knowledge in adolescents with autism spectrum disorder: Pilot of the tackling teenage training program. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 45, n. 6, p. 1532–1540, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-014-2301-9>. Acesso em: 24 out. 2024.

DIAS, M. C.; PEREIRA, F. A. A Prática Multidisciplinar no Cuidado de Pacientes com TEA. **Manual de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Editora MedBook, 2015.

Diversidade cultural no Brasil: o que é, importância. , 28 Nov. 2007. Disponível em: [Diversidade cultural no Brasil: o que é, importância](#). Acesso em: 16 nov. 2024.

EVÊNCIO, K. M. de MOURA; MENEZES, H. C. S.; FERNANDES, G. P. Transtorno do Espectro do Autismo: Considerações sobre o diagnóstico / Autism Spectrum Disorder: Diagnostic Considerations. **Revista de psicologia**, [S.l.], v. 13, n. 47, p. 234-251, out. 2019. ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/idonline.v13i47.1983>. Acesso em: 23 out. 2024.

FERREIRA, L. S.; CAMPOS, A. C. P. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: abordagens e desafios**. In: Pesquisa em Saúde. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2020.

FERREIRA, T. N.; SANTOS, R. L. A importância da comunicação no cuidado de saúde com adolescentes TEA. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: [Edições anteriores | Revista Interdisciplinar de Gestão Social](#) Acesso em: 16 nov. 2024.

FERREIRA, T. P. S.; SAMPAIO, J. OLIVEIRA, I. L. de; GOMES, L. B. A família no cuidado em saúde mental: desafios para a produção de vidas. **Saúde em Debate**, [S. l.], v. 43, n. 121 abr-jun, p. 441–449, 2022. Disponível em: <https://revista.saudeemdebate.org.br/section/article/view/2385>. Acesso em: 12 nov. 2024.

JERÔNIMO, T. G. Z. et.al. Assistência do enfermeiro(a) crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista, **Acta Paul Enferm.** v. 36: p. APE030832, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO030832>. Acesso em: 28 ago. 2024.

JULLIEN, S. Screening for autistic spectrum disorder in early childhood. **BMC Pediatrics**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12887-021-02700-5>. Acesso em: 28 ago. 2023.

JUNIOR, F. P. **Quantos Autistas há no Brasil?** 2019. Disponível em: [Quantos autistas há no Brasil? - Canal Autismo - -](#). Acesso em: 12 nov. 2024.

LIMA, T. M.; ROCHA, C. F. Robustez da Rede de Apoio Familiar em Cuidados com TEA. **Jornal Brasileiro de Psicologia**, v. 26, n. 4, 2019. Disponível em: [Revista Brasileira de Psicologia](#) Acesso em: 16 nov. 2024.

MAENNER, M. J. et al. Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos - rede de monitoramento de autismo e deficiências de desenvolvimento, 11 sites, Estados Unidos, 2020. **Relatório semanal de morbidade e mortalidade. Resumos de vigilância: MMWR**, v. 72, n. 2, p. 1–14, 2023. Disponível em: [Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos — Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências de Desenvolvimento, 11 Sites, Estados Unidos, 2020 | MMWR](#). Acesso em: 16 nov. 2024

MARQUES, I. **Qual a prevalência do autismo no Brasil?** Cuidado genial. 2022. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/prevalencia-do-autismo-no-brasil/>. Acesso em: 16 nov. 2024

MARQUES, I. **Tecnologia no autismo: como ela ajuda as pessoas no TEA?** Genial Care, 4 Jan. 2024. Disponível em: <https://genialcare.com.br/blog/tecnologia-no-autismo/>. Acesso em: 16 nov. 2024

MAYUMI, Y. **Porque montar uma equipe multiprofissional de saúde na sua clínica?** 2023. Disponível em: [Equipe multiprofissional de saúde: qual a importância?](#). Acesso em: 15 nov. 2024.

MENDES, J. A.; FERREIRA, P. R. **Práticas Comparativas em Enfermagem no Contexto do TEA**. São Paulo: Yendis, 2017.

MUCHIELLI, R. **A entrevista não-diretiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1978, 186 p.

NASCIMENTO, L. A. DO; LEÃO, A. Estigma social e estigma internalizado: a voz das pessoas com transtorno mental e os enfrentamentos necessários. **História, ciências, saúde--Manguinhos**, v. 26, n. 1, p. 103–121, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000100007>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NASCIMENTO, Y. C. M. L.; CASTRO, C. S. C. D.; LIMA, J. L. R. D.; ALBUQUERQUE, M. C. D. S. D.; BEZERRA, D. G. Transtorno do espectro autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia de saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.25425>. Acesso em: 23 out. 2024.

NOGUEIRA, A. P.; CARVALHO, L. S. Comunicação Eficaz entre Profissionais de Saúde para o Cuidado do TEA. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 4, 2018. Disponível em: [SciELO - Revista Brasileira de Enfermagem, Volume: 71, Número: 4, Publicado: 2018](#) Acesso em: 16 nov. 2024

NOGUEIRA, M. A. A.; RIO, S. C. M. R. A Família com Criança Autista: Apoio de Enfermagem. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, v. 5, p. 16-21, 2011. Disponível em: https://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003?script=sci_arttext&pid=S1647-21602011000100003. Acesso em: 12 nov. 2024.

NOGUEIRA, M. R.; ROCHA, A. C. **Estratégias de intervenção para adolescentes com TEA**. In: Novas Perspectivas em Saúde Mental. Belo Horizonte: Editora Humanizar, 2017.

OLIVEIRA, A. P.; SANTOS, M. J. Capacidade Operacional para Cuidados de Saúde no Contexto do TEA. **Revista Humanização**, v. 8, n. 2, 2021. Disponível em: [HUMANIZAÇÃO À BEIRA DO LEITO EM PACIENTES EM FASE TERMINAL NA UTI: REVISÃO INTEGRATIVA | REVISTA DE SAÚDE DOM ALBERTO](#) Acesso em: 16 nov. 2024.

OLIVEIRA, C. E.; SYDOR, L. Intervenção mediada pelos pais como estratégia de cuidado para pessoas com TEA no SUS. Curitiba, 2022. Disponível em: [Intervenção Mediada pelos Pais como de estratégia de cuidado para pessoas com TEA no SUS](#). Acesso em: 15 nov. 2024

OLIVEIRA, M. F.; GELLER, J. W. Educação literária no Instagram : mapeamento de perfis, páginas e conteúdos compartilhados. **Revista Temas em Educação**, 2023. Disponível em: [Educação literária no Instagram : mapeamento de perfis, páginas e conteúdos compartilhados](#). Acesso em: 15. nov. 2024

OLIVEIRA, T. R. S.; NASCIMENTO, A. A.; PELLICANI, A. D.; TORRES, G. M. X.; DA SILVA, K.; GUEDES-GRANZOTTI, R. B. Speech therapy intervention in a teenager with autism spectrum disorder: a case report. **Rev. CEFAC**, v. 20, n. 6, p. 808-14, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0216201820685185>. Acesso em: 24 out. 2024.

OTTONI, A. C. V.; MAIA, A. C. B. Considerações sobre a sexualidade e educação sexual de pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1265–1283, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v14iesp.2.12575>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12575>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PEREIRA, P. N.; COSTA, T. R. Educação e Treinamento de Enfermagem no Manejo de TEA. **Enfermagem Atual**, v. 7, n. 6, 2018. Disponível em: [Edições anteriores | Revista Eletrônica de Enfermagem](#) Acesso em: 12 nov. 2024.

PEREIRA, V. J.; SOUZA, R. S. A Triagem de Dados na Pesquisa de Saúde: atividades e resultados. **Saúde e Sociedade**, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: [SciELO - Saúde e Sociedade, Volume: 33, Número: 3, Publicado: 2024](#) Acesso em: 16 nov. 2024.

POLONIA, A. DA C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família escola. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 9, n. 2, p. 303–312, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000200012>. Acesso em: 16 nov. 2024

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista brasileira de educação especial**, v. 28, p. e0114, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0114>. Acesso em: 15 nov. 2024

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, n. 2, p. v–vi, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>. Acesso em: 16 nov. 2024

SAAD, A. P. R.; BASTOS, P. R. H. O.; SOUZA, G. A. C. Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial. **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 33, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X41858>. Acesso em: 24 out. 2024.

SANTOS, E. de J. et al. Percepção dos familiares de crianças com Transtorno do Espectro

Autista (TEA) sobre do papel da enfermagem: Um relato de experiência. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 10, p. e57131047078-e57131047078, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i10.47078>. Acesso em: 23 out. 2024.

SANTOS, I. M.; OLIVEIRA, E. F. **Enfermagem e Autismo: um olhar especializado para o cuidado**. Rio de Janeiro: Cultura Acadêmica, 2020.

SILVA, M. L.; COSTA, A. G. A Personalização do Cuidado em Enfermagem com Adolescentes TEA. **Saúde & Transformação Social**, v. 12, n. 2, 2020. Disponível em: [v. 13 n. 2 \(2022\): Edição Especial - 29º Encontro da Rede UNA-SUS | Saúde & Transformação Social / Health & Social Change](#). Acesso em: 15 nov. 2024

SILVA, R. A.; MENDES, J. B. Educação para Enfermagem: desafios no tratamento de adolescentes com TEA. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 5, 2017. Disponível em: [SciELO - Cadernos de Saúde Pública, Volume: 33, Número: 5, Publicado: 2017](#). Acesso em: 12 nov. 2024.

SILVA, S. E. D. et al. A família, o cuidar e o desenvolvimento da criança autista. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 6, n. 3, p. 334-341, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e7120.2021>. Acesso em: 24 out. 2024.

SWEETMORE, V. Mental health nursing and autism: I am a mental health nurse so why did it take me so long to realize I'm autistic?. **Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing**, 2021. Disponível em: [Mental health nursing and autism: I am a mental health nurse so why did it take me so long to realize I'm autistic? - PubMed](#). Acesso em: 12 nov. 2024.

Vista da Adolescência e Autismo. Disponível em: <https://rebenamnuvens.com.br/revista/article/view/200/185>. Acesso em: 16 nov. 2024.

WERTZNER, H. F.; PAGAN, L. O.; GALEA, D. E. S.; PAPP, A. C. C. S. Características fonológicas de crianças com transtorno fonológico com e sem histórico de otite média. **Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.** 12(1), p. 41-47, 2007. Disponível: <https://doi.org/10.1590/S1516-80342007000100009>. Acesso em: 24 out. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **ICD-11: International classification of diseases (11th revision)**; 2022. Disponível em: [CID-11](#). Acesso em: 23 out. 2024.

APÊNDICE

Criação de Página no Instagram

1. TEMA: SOU ATÍPICO: INTERAÇÃO ENTRE ENFERMEIROS, FAMILIARES, PROFISSIONAIS E A PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ADOLESCÊNCIA.

2. OBJETIVOS:

2.1 Levar informações atualizadas sobre a patologia com soluções e rotinas para o público alvo;

2.2 Criar a conta comercial e analise os dados;

2.3 Desenvolver um cronograma de publicações para postar nos melhores dias e horário;

2.4 Listar os temas/pautas que irá trabalhar nas próximas semanas;

2.5 Testar os recursos disponíveis no Instagram;

2.6 Realizar melhorias contínuas ao analisar seu crescimento.

3. PÚBLICO ALVO: Familiares e Portadores de Autismo e/ou TDAH, Enfermeiros e Estudantes de Enfermagem e profissionais da área.

4. CRIAÇÃO DA PÁGINA:

4.1 Criar perfil;

4.2 Nome da Página: SOU ATÍPICO


4.3 Logo:




4.4 Cor Padrão: Azul em tom pastel - A cor azul foi escolhida para representar o autismo devido ao transtorno que afeta mais meninos do que meninas. Ela se iniciou e

foi propagada pela associação Autism Speaks através da campanha “Light it Up Blue”, que significa “ilumine em azul”, referindo-se ao uso da cor como símbolo do autismo no dia 02 de abril, o Dia Mundial da Conscientização do Autismo. No Brasil, o Dia do Orgulho Autista e da Neurodiversidade é comemorado em 18 de junho.



HEXA 

RGB 

4.5 Código da cor: #0DAEC0

4.6 Fonte Padrão: Century Gothic

4.7 Referência do Design definido:



4.8 Nicho: Porção específica de um mercado, geralmente uma parte pequena, com necessidades e hábitos específicos, com consumidores exigentes, normalmente. Nicho de mercado é um segmento de público, que muitas vezes suas necessidades não são bem exploradas.

5. ESTRATÉGIA: De início, criar a página e alcançar o maior número de seguidores levando informações e conteúdos informativos para o público alvo.

Explorar hashtags: A estratégia por trás das hashtags é procurar por tags que estão relacionadas ao perfil. Fazer a busca e encontrar termos relacionados ao que procurou, visualizar as principais publicações e as mais recentes, e assim, cada segmento utiliza as tags que melhor se aplicam à sua realidade.

6. IMAGENS SIMBÓLICAS E SIGNIFICADOS:

7.1 Logotipo da neurodiversidade: Criado pelos próprios autistas, o logotipo da neurodiversidade é o símbolo mais aceito pela comunidade autista. Ele consiste em um sinal do infinito nas cores do arco-íris. Esse símbolo do autismo é utilizado como uma alternativa à fita do quebra-cabeça e celebra a **esperança e a diversidade de expressão** dentro do espectro (BANDEIRA, 2021).



7.2 Fita de conscientização do autismo: Em 1999 foi criado o **símbolo do autismo** que conhecemos até os dias de hoje: uma fita formada por peças de quebra-cabeça coloridas. O objetivo desta figura era conscientizar sobre o TEA. O símbolo também é popular para demonstrar apoios à causa e informar a população sobre os direitos de quem está no espectro. Por esse motivo, é comum que você encontre esse símbolo em placas de filas preferenciais em farmácias e supermercados, por exemplo (BANDEIRA, 2021).



7. TIRANTE AUTISTA: A fita da conscientização, também conhecida como fita do quebra-cabeça ou fita do autismo, reúne vários significados:

8.1 Peças do quebra-cabeça compondo a fita em cores diferentes: representam a diversidade de famílias que têm integrantes autistas e sua inclusão social.

8.2 Cores vivas e brilhosas: a vivacidade das tonalidades da fita do autismo simboliza a esperança em relação às **intervenções** e à conscientização da sociedade como um todo. O que resulta na inclusão das pessoas que fazem parte do espectro.

8.3 Quebra-cabeça: um símbolo refutado pela comunidade autista: Criado em 1963 pela *Autism Society* e popularizado pela *Autism Speaks*, o quebra-cabeça é o **mais antigo símbolo do autismo**. No entanto, ele não é bem aceito pelos autistas. Isso porque um de seus significados é justamente a dificuldade em compreender pessoas no espectro do autismo. Para quem está no espectro, essa interpretação traz mais prejuízos à causa do que ajuda no entendimento do autismo (BANDEIRA, 2021).



8. AUTISMO E A COR AZUL: O Dia Mundial de Conscientização do Autismo, uma iniciativa de instituições internacionais ligadas ao TEA, é comemorado no dia 2 de abril. E nesta data, alguns prédios recebem a iluminação azul. Assim como o quebra-cabeça, a cor azul foi escolhida para representar o TEA devido ao grande número de diagnósticos em meninos – 4 meninos para cada 1 menina no espectro. Especialistas acreditavam, assim, que meninos eram mais propensos ao diagnóstico do que meninas, mas anos mais tarde essa afirmação começou a ser refutada, especialmente porque começaram a surgir indícios de que meninas poderiam ser menos diagnosticadas devido ao fato de conseguirem camuflar os sinais de autismo (BANDEIRA, 2021).

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, G. **Símbolos do autismo: quais são e seus significados**. Cuidados Genial, 18 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://genialcare.com.br/blog/simbolos-do-autismo/>>. Acesso em: 18 nov. 2024

DE ANÁLISE, A. E. **O que é extração de dados: técnicas, ferramentas e práticas recomendadas**. Astera, 27 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.astera.com/pt/type/blog/what-is-data-extraction-a-brief-guide/>>. Acesso em: 16 nov. 2024

COMICIO, A. **Biografia para Instagram: 10 Dicas para a bio da sua marca**. Disponível em: <<https://blog.copfy.com.br/biografia-para-instagram/>>. Acesso em: 18 nov. 2024.